



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CALAZANS, L. R. RODRIGUES, Simone Mueller. Experimentando o prazer de ser. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

EXPERIMENTANDO O PRAZER DE SER

**Luciana Rosa Calazans
Simone Mueller Rodrigues**

As pessoas são reconhecidas pelos que as cercam por um determinado conjunto de características. São as suas características mais marcantes. Com elas se apresenta em novos grupos, se descreve e se reconhece. É o seu jeito de estar no mundo, é o jeito com o qual foi mais aceito. É lembrado sempre por este papel: o “palhaço” da turma, o tímido, o simpático, o intelectual, o sedutor.

Hoje em dia é comum a queixa de depressão, sensação de vazio, falta de vontade, falta de entusiasmo. Analisando mais a fundo essas questões, encontramos pessoas perdidas em relação ao que querem, ao que lhes dá prazer, que características em si são apreciadas, quais mudaria. O seu jeito de ser se torna tão cristalizado, em qualquer situação e/ou relação, que o indivíduo não se dá o direito de perceber quem ele é de verdade, como deseja estar ali naquele momento. Já não há a percepção do que nele existe apenas para atender a demanda dos outros e o que realmente é a sua maneira de ser, é a sua vontade. São pessoas que estão sempre à espera de que o outro mostre o que espera dele, como deve agir, sentir, pensar. Mas por que é tão freqüente o indivíduo ficar distante de si a esse ponto?

Toda criança passa pela fase de individuação, na qual após um período de simbiose com a mãe, começa a se distanciar dela com o objetivo de conhecer e explorar o mundo ao seu redor, expressando-se como um ser independente. É nesse momento que também vai experimentando sua individualidade, como alguém diferente da mãe. Por se tratar ainda de um bebê, e como ainda está numa fase de encontro com o desconhecido, necessita do apoio da mãe quando o ambiente se torna difícil de lidar com segurança. Esta, por sua vez, se sente rejeitada pela criança. Sua reação pode ser de não acolhê-la quando a criança volta a necessitar dela, ou de impedir que ela se despenda. Como nos mostra Hilton (1988-1989, p. 78):

A base da ferida narcísica é estabelecida quando a mãe é incapaz de estabelecer limites dentro dos quais é permitido à criança experienciar-se e quando a mãe é incapaz de participar com prazer no movimento espontâneo da criança. Isto é verdade porque a mãe, consciente ou inconscientemente, usa o vínculo com a criança como uma tentativa de curar suas próprias feridas narcísicas, sofridas nas mãos de seus próprios pais. A mãe precisa da criança para confirmar que é importante e assim reparar sua baixa auto-estima. Isto é feito pela criança, seja ficando agarrada à mãe, seja permitindo-lhe que se encarregue de suas próprias explorações.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CALAZANS, L. R. RODRIGUES, Simone Mueller. Experimentando o prazer de ser. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

A criança neste momento sente-se rejeitada também e descobre que não é amada incondicionalmente como um ser humano que tem seu próprio jeito de ser, suas próprias necessidades, mas será amada somente se corresponder às necessidades do que a mãe precisa que ela seja. Isto faz com a criança faça de tudo para tentar agradar e obter novamente o amor da mãe, mesmo que seja necessário abrir mão de si mesma, pois para a criança o amor da mãe é uma questão de sobrevivência.

Esse modo de se relacionar com a mãe, originado nesta fase, vai se perpetuar por todo seu desenvolvimento, sendo transferido para as relações que estabelecer. Freud, citado em Samsom (2004), chamou esta repetição de transferência e logo percebeu que ela não acontecia somente no consultório, entre analista e paciente.

Independente do jeito assumido por cada um, o que o torna prejudicial é a rigidez com que se apresenta, é ser esta a única possibilidade, a falta de escolha pelo medo de ser rejeitado ao assumir um outro jeito. Pois este mesmo jeito que a protege de vivenciar esta dor, a impede de sentir o verdadeiro prazer de estar no mundo de acordo com seus desejos. Como não é capaz de agir de acordo consigo, são freqüentes as sensações de vazio, desentusiasmo e dificuldade de colocar limite. A rigidez impede um repertório amplo, que permitiria a cada um estar em situações diferentes, em relações diferentes, de maneiras diferentes, de acordo com seu eu e a realidade. Assim, o indivíduo poderia se proteger diante das ameaças e se abrir e se entregar nos momentos seguros.

É tão difícil ampliar e experimentar novas maneiras porque temos medo de reativar a dor sentida por não ser aceito na expressão do seu verdadeiro eu; correndo o risco de ser também humilhado, invadido e criticado.

Este modo inflexível está presente não somente no comportamento da pessoa, mas também na sua musculatura, na sua forma, no seu corpo. Segundo Costa (1990), tensões crônicas se desenvolvem no organismo a partir de experiências traumáticas como forma de proteção e sobrevivência. Estas tensões têm o nome de couraça muscular, enquanto que os modos “crônicos” de um sujeito responder aos acontecimentos consiste na couraça caracterial. As duas estão diretamente ligadas, se desenvolvem e atuam juntas.

Mesmo que a vontade consciente seja de agir de acordo consigo, muitas vezes o indivíduo nem mesmo sabe o que deseja. Para entrar em contato com seu desejo e experimentar uma maneira mais flexível de lidar com a vida é necessário também flexibilizar o corpo. Através da ampliação de movimentos pode-se ampliar as respostas da pessoa diante do mundo. Flexibilizando o corpo pode-se ter uma maior percepção de si e então saber o que quer buscar, o que quer experimentar. A partir da consciência do que se é, daquilo que lhe foi



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

CALAZANS, L. R. RODRIGUES, Simone Mueller. Experimentando o prazer de ser. In: VOLPI, José Henrique; VOLPI, Sandra Mara (Org.). **Anais. 1ª CONVENÇÃO BRASIL LATINO AMÉRICA e 9º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS.** Foz do Iguaçu/PR. Centro Reichiano, 2004. CD-ROM. [ISBN - 85- 87691-12-0]. Acesso em: ____/____/____.

impedido de manifestar e do que o indivíduo quer fazer com isso, pode-se ir buscando e desenvolvendo novos jeitos de se relacionar, sem estar preso pelo medo e podendo estar mais livre para sentir prazer no “simples” fato de ser ele mesmo.

REFERÊNCIAS

COSTA, R. A. **Sobre Reich, sexualidade e emoção.** Rio de Janeiro: Achiamé Ltda, 1990.

HILTON, R. **Narcisismo e a resistência do terapeuta em trabalhar com o corpo.** Clinical Journal of International Institute four Bioenergetics Analysis, v.3, n.2, 1988/1989.

SAMSOM, A. **Transferência e Contratransferência em Psicoterapia Corporal.** Disponível em: www.ibpb.com.br . Acesso em: 28/03/2004.

Luciana Calazans / Curitiba / PR / Brasil

E-mail: calazanslu@yahoo.com.br

Simone Rodrigues / Curitiba / PR / Brasil

E-mail: sim_one01@yahoo.com.br